

DESVELANDO ASPECTOS E LÓGICAS DA REPRODUÇÃO CAPITALISTA NO ESPAÇO: UM ESTUDO NO COMÉRCIO DE RUA EM PAU DOS FERROS/RN

Franciclécia Sousa Barreto Silva¹

Eliana Costa Guerra²

Josenev Rodrigues de Queiroz Dantas³

RESUMO

As cidades são consideradas centros da produção, da distribuição, da circulação e do consumo, localidades em que se materializa a divisão social do trabalho. Neste interim, as relações de troca consolidaram a atividade comercial e a lógica de distribuição, que associadas à localização estratégica da cidade, promoveram o adensamento populacional de modo que o trabalho informal de rua, por exemplo, se implantasse e se mantivesse, dividisse e disputasse, muitos espaços com estabelecimentos comerciais formais. O artigo trata de alguns dos aspectos e expressões da informalidade na via pública da cidade de Pau dos Ferros, situada no interior do estado do Rio Grande do Norte, que tem ganhado significativa importância na rede urbana potiguar por articular um fluxo considerável de pessoas e mercadorias e influência, a ponto de lhe ser conferida o status de centro sub-regional A (IBGE, 2010). O fato é que a população de vendedores, clientes e dependentes do comércio de rua é muito grande para ser ignorada; em que pese sua relevância como fenômeno empírico, o comércio de rua tem tido relativamente pouco tratamento acadêmico. O trabalho de campo que norteia o artigo, permite apreender também a reprodução de segmentos da classe trabalhadora e apresentar a lógica do capital empreendida nesse território para fins de reprodução.

Palavras-Chave: Reprodução Capitalista; Dinâmicas Urbanas; Informalidade.

UNVEILING ASPECTS AND REPRODUCTION OF CAPITALIST LOGIC IN SPACE: A STUDY ON THE STREET TRADE IN PAU DOS FERROS / RN

ABSTRACT

Cities are considered centers of production, distribution, circulation and consumption locations that materializes the social division of labor. In the interim, the exchange ratios consolidated commercial activity and the logic of distribution, which associated with the strategic location of the city, promoted population density so that the informal working street, for example, implanted and maintained, divide and disputed many spaces with formal businesses. The article deals with some aspects and expressions of informality in the street of the city of Pau dos Ferros, located inside the Rio Grande do Norte state, which has gained

¹ Mestre em Serviço Social - UFRN; Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ; Docente do Departamento de Economia - CAMEAM/UERN; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia, Cultura e Território – GEPECT/UERN. <cleziasb@hotmail.com>

² Doutora em Sociologia - Universidade Paris; Docente do Departamento de Serviço Social - UFRN <elianacostaguerra@hotmail.com>

³ Doutora em Ciências Sociais; Docente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES); Docente do Departamento de Economia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia, Cultura e Território – GEPECT/UERN. URL: <http://www.uern.br/professor/josenevqueiroz> E:mail: <josenev_queiroz@hotmail.com>



significant importance in Potiguar urban network for articulating a considerable flow of people and goods and influence, to the point that you be given the status sub-regional center A. (IBGE, 2010). The fact is that the population vendors, customers and street trade dependent is too large to be ignored; in spite of its relevance as an empirical phenomenon, street trading has been relatively little scholarly treatment. The field work that guides the article, allows also learn to play segments of the working class and present the logic of capital undertaken in that territory for breeding purposes.

Keywords: Capitalist reproduction; Urban dynamics; Informality.

JEL: R23

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade se tem presenciado a manutenção de formas de trabalho desregulamentadas cuja forma concreta é a informalidade de rua. Tal fenômeno ganha notoriedade articulado nos limites entre o legal e o ilegal. Para Alves e Tavares (2006), apesar de estas atividades apresentarem traços fortes das atividades tradicionais, estaríamos caminhando em direção a formas não ocultas e totalmente institucionalizadas.

A partir das últimas décadas do século XX, especialmente, nos anos de 1970, se instalaram de modo mais intenso nas cidades, transformações econômicas e espaciais movidas pelo atual paradigma de produção flexível; desse modo, novas modalidades de comércio e consumo que surgiram inerentes às necessidades do capital com fins a valorização, resultaram, portanto, na alteração das relações intraurbanas e regionais das cidades. São essas transformações frutos de um processo de produção e reprodução que coibiram, dentre outras coisas, a própria tentativa de estruturação do mercado de trabalho brasileiro, cedendo lugar a uma heterogeneidade ocupacional, que tem permitido a propagação de variadas formas de reprodução da força de trabalho, a exemplo da intensificação das atividades informais, que servem de ocupação para um número expressivo da População Economicamente Ativa – PEA. Trata-se do retorno para o centro da dinâmica de reprodução, de formas de exploração do trabalho aparentemente suplantadas. Felipe (1988) analisando os centros regionais já assinalava a necessidade dos estudiosos atentarem para o peso da informalidade no espaço urbano nordestino, que produz um mercado de trabalho, que permite surgir tipos profissionais como: biscateiros, ambulantes, trabalhadores de rua, entre outros.

A abordagem de Carvalho e Guerra (2008) acerca da inserção e o lugar que

ocupa a população supérflua no âmbito da lógica intransponível do capital na contemporaneidade, reflete bem a realidade do trabalho hoje. As autoras fazem referência a um forte processo de exclusão recente capitalista que só não se dá de forma absoluta, por trata-se de uma lógica que tem permitido criar formas precárias de inclusão, “[...] vis e, mesmo, degradantes pondo em risco a vida e comprometendo a humanidade de homens e mulheres (CARVALHO E GUERRA, 2008, p.98)”.

Na análise de Durães (2014, p.234) a informalidade no mundo e no Brasil já ultrapassou a mera fronteira urbana. Esse fenômeno é global e presente em diversas partes do mundo, “[...] seja composta por imigrantes (alocados em países desenvolvidos/centrais), seja por populações que no passado tiveram emprego estável/formal”. Trata-se da retomada, diga-se, precária, desses trabalhadores na composição do mercado de trabalho no Brasil, o que torna o presente estudo moderno e pertinente. O fato é que a população de vendedores e consumidores dependentes dessas práticas é muito grande para ser ignorada; e em que pese sua relevância como fenômeno empírico, o comércio de rua tem tido relativamente pouco tratamento acadêmico.

Diante do exposto, o presente texto foi construído a partir de um estudo de caso⁴, que discute aspectos e expressões da informalidade na via pública da cidade de Pau dos Ferros, cidade que tem ganho significativa importância na rede urbana do Rio Grande do Norte por articular um fluxo considerável de pessoas e mercadorias, influência que permitiu o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, conferir-lhe o posto de centro sub-regional “A”⁵.

Em dia de maior movimento – o sábado – a dinâmica do comércio de rua da cidade de Pau dos Ferros se intensifica e a circulação muitas vezes é de difícil mensuração, já que as atividades do comércio de rua se juntam ao movimento da feira tradicional semanal. O que não se pode desconsiderar é que as atividades que

⁴ Essa pesquisa é parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada: “A informalidade no capitalismo contemporâneo: um estudo do comércio de rua em Pau dos Ferros, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRN, em 2011, que aqui ganha novas contribuições de análise.

⁵ Integram os centros sub-regionais 169 centros com atividades de gestão menos complexas entre os níveis 4 e 5 da gestão territorial, tem área de atuação mais reduzida e seus relacionamentos externos se dão apenas com as três metrópoles nacionais. Tem presença mais adensada nas áreas de maior ocupação do Nordeste e do Centro Sul e mais esparsa nos espaços menos densamente povoados do Norte e do Centro Oeste (IBGE, 2008).

dinamizam a economia local movimentam uma população flutuante superior à residente. A coleta de informações diretas foi realizada no final do ano de 2010, posteriores visitas para observação sistemática foram também realizadas em 2011 quando enfim concluiu-se a pesquisa. No dia da coleta (sexta-feira), chegou-se a contabilizar 139 (cento e trinta e nove) bancas, embora só tenha sido possível colher informações de 121 delas⁶.

O trabalho de campo que norteou este artigo permitiu apreender também a reprodução de segmentos da classe trabalhadora, além de apresentar a lógica do capital empreendida nesse território para fins de reprodução.

Portanto, analisar as expressões contemporâneas do comércio nas vias públicas, significa desvelar engrenagens dos processos produtivos desenvolvidos por sujeitos sociais que, ao se apropriarem material e simbolicamente de tais espaços, explicitam uma multiplicidade de sociabilidades. Ao mesmo tempo, significa adentrar nos meandros das transformações no âmbito da produção capitalista e explicitar como estas redimensionam os espaços de valorização do capital, atingindo, igualmente, os indivíduos e suas subjetividades. Ademais, “[...] nessa trama complexa de dinâmicas e conotações, as praças de comércio tradicionais não se constituem como um espaço único, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados” (MORAIS; ARAÚJO, 2006, p. 247). No atual estágio do capitalismo, elas ganham dinamismo e se delinham em múltiplas facetas no contraditório processo de reprodução ampliada do capital.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE INFORMAL DE RUA E AS LÓGICAS DE REPRODUÇÃO NO ESPAÇO

A atividade informal de rua no século XXI se reproduz em meio a uma integração do velho e do novo, ou seja, é expressão de uma atividade *antiga de rua* característica da formação das cidades, ao mesmo tempo em que reflete a *lógica moderna*, de esferas mais desenvolvidas, quando possibilita em vias públicas a circulação e consumo de produtos industrializados, de natureza tecnológica advindos de diferentes localidades.

⁶ Além das bancas montadas, nos dias em que a contagem foi realizada, espaços vazios foram identificados, entre algumas, ou nas laterais de algumas ruas, que, segundo informação dos próprios vendedores presentes, tratava-se de espaços de bancas não montadas.

A estrutura das praças de comércio nas diversas cidades brasileiras denota a condição de vida dos indivíduos envolvidos e o lado tradicional da atividade. As bancas, barracas, seja qual denominação adotada, são constituídas à base de muito sol e calor, mediante um esforço contínuo e manual das pessoas envolvidas. Trata-se de uma atividade de risco, os vendedores estão constantemente vulneráveis a assaltos/roubos e chuva, além das fiscalizações nas vias públicas por parte das prefeituras. Muitas vezes se localizam no entorno do comércio formal, mantendo nítida relação com essas outras atividades. Corrobora-se com Durães (2014, p. 235) para quem a “linha divisória do formal para o informal é bastante tênue, invisível, como a contratação de trabalhadores informais por empresas formais. Os formatos misturam-se, complementam-se”.

Quanto à inserção de pessoas na atividade, não existem barreiras à entrada, é visível a estreita relação dessa atividade com condições de desemprego, da não possibilidade de inserção de muitos em ocupações regulamentadas. Alguns nem sequer chegam à condição do primeiro emprego, o comércio de rua foi a primeira e única opção. Conseqüentemente, o baixo poder econômico não lhes permite galgar patamares maiores no âmbito da atividade, as garantias em se tratando de seguridade social, são mínimas ou inexistentes. Trata-se de uma atividade que requer pouco investimento e não possui exigência de escolaridade e/ou qualificação.

Diante desse quadro, constata-se que a informalidade encontra-se em sintonia com a precariedade, cuja vivência expressa formas de trabalho desprovidas de direitos, e a lógica de autonomia incorporada pelos partícipes confere ao capital um leque amplo de exploração. Fato é que para continuar se reproduzindo, o capital abate todas as barreiras, se para isso ele precisa se apoiar e redimensionar o desenvolvimento de determinadas atividades, ou mesmo, articular ideologicamente a adesão dos trabalhadores às suas normas, ele assim o fará. É pertinente ao estudo, a análise de Rosdolsky (2001) que, ao se apoiar nos escritos de Marx, tem anunciado a lógica do capital, necessariamente voltada à criação de uma esfera de circulação constante para fazer fluir sua valorização, a qual faz parte da geografia do capitalismo.

No decurso dessa dinâmica, portanto, o comércio formal e o informal se interacionam, sendo elementos indispensáveis à dinâmica da economia, embora a

reprodução se molde a realidade de cada cidade/região. Em Pau dos Ferros, por exemplo, cidade *lócus* da pesquisa, quando uma das entrevistadas retrata o grau da mobilidade do centro da cidade, por exemplo, se apoia no seguinte grau comparativo: “O povo gosta muito de dizer e é verdade que ali a “*feira*”, é a 25 de Março em São Paulo porque todo mundo que passar, passa ali naquele beco, então, fica muito registrado ali”. Com efeito, no curso da distribuição de mercadorias, há concorrência entre capitalista e mesmo entre os vendedores de rua. Todavia, quando se considera o sistema do capital de modo amplo, estas dinâmicas estão inteiramente inseridas na lógica do processo mais amplo que objetiva, por fim, a valorização do capital.

O objetivo aqui não é conferir a esses sujeitos o papel de produtivos ao capital, tampouco ser esta uma atividade *subsumida* formal e real do processo de trabalho ao capital. No entanto, o desenvolvimento desta não nega a sua funcionalidade ao sistema, não a exclui do processo de exploração traçado pelo capital, da subordinação às leis impostas pelo capitalismo. Não estariam esses sujeitos ocupando aquele espaço se não fossem e permanecessem envolvidos numa lógica de exploração, seus produtos igualmente não seriam vendidos se os consumidores não fossem induzidos a tal compra, a serem demandantes de tais produtos. Submetido ao nível de domínio do capital, esclarece Durães (2014, p. 255) que o trabalho de rua faz parte do processo de circulação das mercadorias, cuja participação do ambulante/camelô é feito gratuitamente, sem custo para o capital industrial, que ainda se beneficia de um poderoso marketing personalizado (‘boca a boca’).

Corroborar-se com Soares (2008, p.122) para o qual certas modalidades de trabalho informal “funcionam como uma forma de manter a ordem, evitando a convulsão social”. Algumas destas modalidades, inclusive, para continuarem se reproduzindo recebem apoio de instituições como o Banco Mundial, Banco do Nordeste do Brasil ou, mesmo, de políticas de governo, a exemplo do Microempreendedor Individual. Estão esses sujeitos inseridos numa lógica tal em que o mundo das organizações sindicais e das associações se tornam algo alheio. Na atualidade se materializa, portanto, uma espécie de *empreendedorismo por necessidade*.

Esses aspectos apresentam as determinações do mercado no atual nível de desenvolvimento capitalista em que “[...] todos os trabalhadores mesmos os que não vendem diretamente sua força de trabalho, só podem se reproduzir mediante um espaço econômico permitido pelo mercado, seja qual for a sua produção” (TAVARES, 2004, p. 144-145). Ou seja, nenhum ser humano sequer está livre das determinações do mercado, porque suas reproduções pessoais implicam envolvimento e confronto.

Apesar de continuarem sendo formas de trabalho tradicionais de rua, novas formas são inventadas ou reinventadas para fins de execução da atividade, formas que se conectam ao mundo globalizado, na medida em que são comercializados produtos de diversos “cantos” do mundo, exemplo claro são os advindos de Taiwan, Japão, China, entre outros. Uma análise mais aprofundada permite evidenciar uma lógica com característica que se trata de uma mesma dinâmica de distribuição de mercadorias, que associa pequenos e médios comerciantes de rua às redes de distribuição de maior dimensão.

Os produtos vendidos nas ruas são oriundos das mesmas redes de distribuição, ora adquiridos nos atacadistas locais, ora nos distribuidores regionais/mundiais que abastecem o comércio, além daqueles que exercem relação direta com a empresa capitalista, quando compram diretamente das fábricas, são expressões vistas claramente no presente estudo e em tantos outros. Analisando a atividade de rua em Salvador, Durães (2014, p. 237) afirma se tratar de um fenômeno contraditório, “[...] ao mesmo tempo moderno (por incorporar produtos qualificados modernizantes e modernizadas) e tradicional (por manter-se no lugar por excelência da informalidade, na rua)”. Há, portanto na *rua*, uma concorrência com as formas tradicionais do comércio da cidade, influenciadas no modo, nos hábitos de consumo dos habitantes e na organização espacial das atividades econômicas. Há toda uma clientela envolvida, fixa e flutuante, que cria uma rede informal que supera a lógica do próprio comércio de rua e sua estrutura direta.

Atualmente a realidade propõe a necessidade de se pensar as atividades informais não mais como um problema passageiro a ser solucionado; está em curso uma lógica que tem conduzido os trabalhadores à adesão ao projeto de dominação do capital, pela ilusória possibilidade destes se tornarem capitalistas, cujo objetivo tem sido transformar o sujeito em consumidor e o trabalhador num empreendedor.

3 O COMÉRCIO DE RUA EM PAU DOS FERROS/RN: DINÂMICA E CONFIGURAÇÃO ATUAL

Pau dos Ferros está situado na Mesorregião Oeste do Rio Grande do Norte, Microrregião de Pau dos Ferros, distante 400 km de Natal, a capital do Estado, localizado na região de fronteira com os Estados do Ceará e da Paraíba, encravada num 'triângulo' formado pelas antigas Capitais Regionais⁷ de Mossoró (RN), Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE), na chamada 'rede urbana nordestina interiorizada'⁸.

Essa localização (fronteiriça e no cruzamento de duas rodovias federais, BR-405 e BR-226) reforça a sua influência no desenvolvimento regional, que se expande através da oferta de serviços públicos, em especial educação de nível superior e saúde e serviços privados, com destaque para o comércio; e reforça suas funções urbanas, com a ampliação de sua área de influência para além dos limites do Rio Grande do Norte (DANTAS, 2014).

Com base nos dados do REGIC e das matrículas no ensino superior, Dantas (2014, p. 194) configurou a área de influência de Pau dos Ferros, a qual ficou composta por 55 municípios (42 no Rio Grande do Norte, 09 na Paraíba e 04 no Ceará). Somadas as populações desses municípios, inclusive Pau dos Ferros, havia, em 2010, nessa área, 440.877 habitantes, dos quais 281.890 (63,94%) residiam na área urbana (IBGE, 2010).

Pau dos Ferros, se caracteriza como um município eminentemente urbano já que abriga mais 90% de sua população na sua sede, segundo os dados do último censo (IBGE, 2010). Tem uma economia sustentada pelo setor terciário (comércio e serviços públicos e privados), o que explica em grande medida o crescimento e a valorização de sua área urbana. Esse crescimento tem contribuído para mobilizar constantemente um fluxo populacional expressivo, dos mais de 50 municípios do seu entorno, e tem atraído investimentos e investidores.

Diariamente e, principalmente aos sábados (dia da feira tradicional), é perceptível o fluxo de pessoas gerado pelo comércio de rua na sede do município. Tal atividade se centra na oferta de determinados produtos e se desenvolve em um

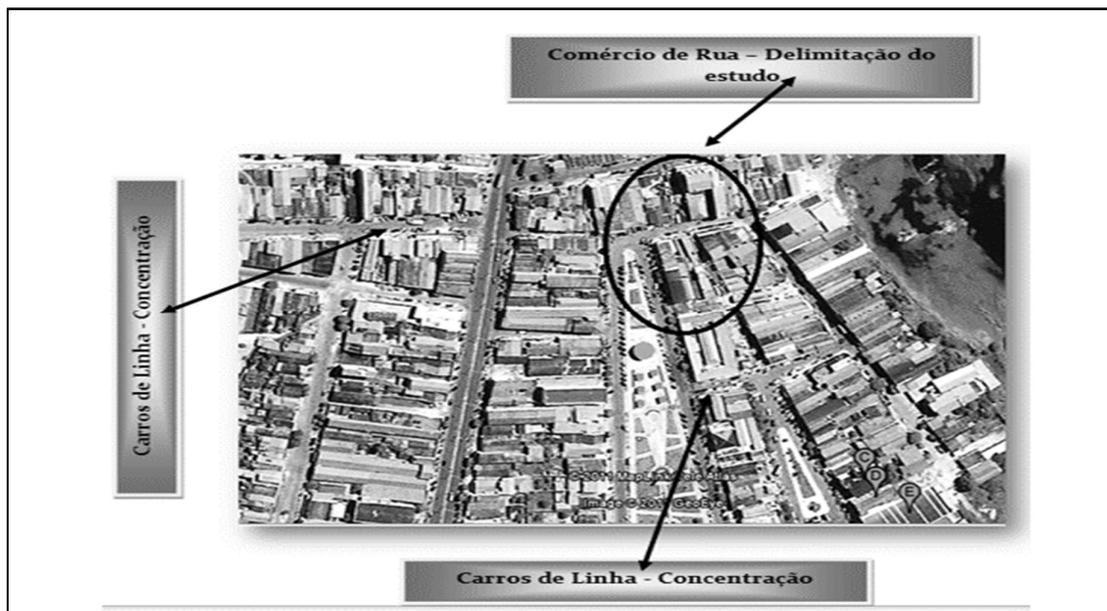
⁷ Cano (1989); Andrade (1987).

⁸ Cano (1989); IPEA (2002); IBGE (2008).

contexto de crescimento visível do comércio *formal* que nas últimas décadas, tem acompanhado, mesmo em proporções diversas, a dinâmica de crescimento da cidade.

O comércio na via pública acontece em um entrocamento próximo, uma distância de poucos centímetros umas das outras, encontram-se as bancas, bem como as lojas do comércio formal local. Trata-se de um verdadeiro *labirinto* de corredores estreitos com mercadorias diversificadas expostas. Na figura 01 é possível visualizar a localização do comércio e do sistema de transportes, delimitados e concentrados em locais estratégicos.

Figura 1 – Pau dos Ferros/RN: localização do comércio de rua e circulação de carros de linha



Fonte: Silva (2011).

Em dias de maior movimento, muitas vezes, fica impossível transitar e se deslocar entre uma banca e outra, ou mesmo, entrar nas lojas do comércio varejista formal, dada a quantidade de produtos nas próprias calçadas. Identificar e diferenciar um dono de uma banca e outra, se torna ainda mais complexo. Portanto, “[...] é uma banca colada na outra, uma banca colada na outra. Você pra passar entre uma banca e outra você passa se torcendo né, você passa se torcendo, é uma banca colada na outra, essa lá...é mais de feira mesmo [...]” (SILVA, 2011), relatou um funcionário da Prefeitura, quando se questionou as formas de regulação sobre o

uso do espaço urbano e sobre as atividades econômicas realizadas pela prefeitura naquele espaço. Em meio a descrição é perceptível a existência de conflitos no uso do espaço urbano entre os vendedores de rua, além da expansão da atividade relatada na voz do entrevistado:

Havia pessoas que tomavam o espaço de outras, outras penetravam assim na via pública onde você trafega, onde trafega os veículos e isso aí foi feito essa contagem e procurou-se dar uma arrumada. Quer dizer, quem estava assim muito próximo da via onde trafegava o veículo a gente procurou afastar essa pessoa mais pra parte interna da rua, certo? Pra não correr muito risco nem pra quem está passando na via pública como pra o próprio feirante que está vendendo, isso aí foi feito. Não quero dizer que tenha se organizado a feira, porque é impossível até por conta do espaço, o espaço é muito pequeno. A feira se expandiu, ela pega ali a lateral do Mercado Público, tanto ao leste como ao sul e se estende por aquela rua ali, atravessa a 7 de Setembro e vai até depois do açougue municipal, passa em frente ao açougue municipal e já vai lá até perto do posto segundo me lo (11º ENT./FUNC. PREF. SILVA, 2011, p. 154).

A partir do relato, foi possível observar mais atentamente a localização desse comércio, que se espalha pelas imediações da Praça da Matriz e articula as ruas: Pedro Velho, Teófilo Rêgo, Adolfo Fernandes, Francisco Marçal, 7 de Setembro e Bevenuto Fialho da cidade de Pau dos Ferros. E, até mesmo, o posto de Gasolina ao qual se referiu o funcionário da Prefeitura, como ponto final de extensão desse comércio.

É possível se verificar, ainda, a proximidade do comércio com outros tipos de serviços, tais como: hospital, correios, bancos, casa lotérica e até mesmo uma escola. Ao se concentrarem em um só ambiente espacial, esses serviços terminam por atrair maior número de pessoas no centro da cidade e no próprio comércio, uma vez que muitos se deslocam para a cidade de Pau dos Ferros com intenções variadas: receber seus rendimentos; fazer compras e pagamentos em geral; se corresponder via correios; ver questões de saúde; acesso a faculdades, haja vista que as pequenas cidades do entorno, como já relatamos, não oferecem tais serviços. A localização central destes serviços, portanto, constitui aspecto facilitador do consumo, além de oferecer suporte ao atendimento de outras necessidades.

Na planta abaixo (Figura 2), pode-se observar a extensão descrita acima.

Figura 3 – Pau dos Ferros/RN: carros de linha



Fonte: SILVA (2011, p.158).

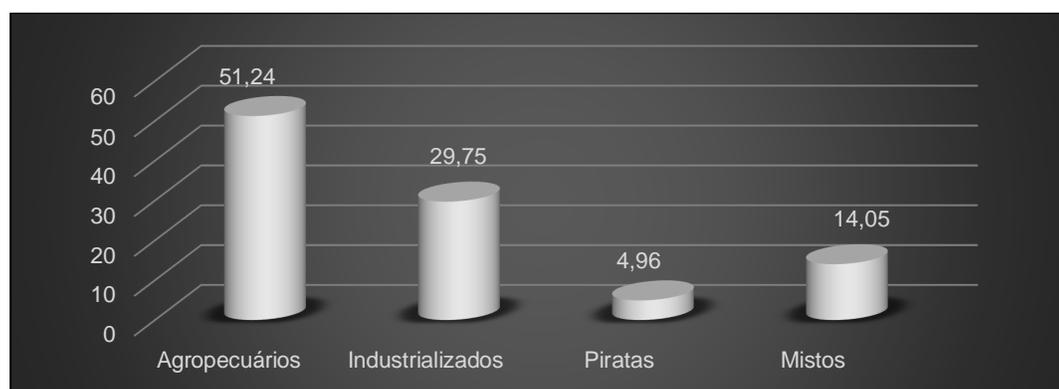
Importante ressaltar é que se trata de veículos inadequados para o transporte de pessoas e que são bastante desconfortáveis, principalmente se considerada algumas distâncias mais longas. Outra particularidade em relação aos carros de *linha* merece destaque: a localização estratégica das áreas de estacionamento escolhidas, pontos de saída para direção geográfica das cidades de origem destes e a proximidade com o próprio comércio, fator facilitador desse fluxo.

É notório que as estruturas dos transportes e das próprias estradas constituem parte fundamental da dinâmica de acumulação do capital, por permitir acelerar o processo de circulação deste, seja facilitando o fluxo das mercadorias, sua distribuição e/ou possibilitando às pessoas o acesso aos mercados de consumo. À medida que o comércio se expande, os capitais se multiplicam, em uma escala adequada ao tamanho da região e às condições objetivas de infraestrutura. É a natureza do capital em reprodução naquele espaço em particular, já que sem a esfera da circulação, a acumulação é interrompida. Por essa razão, Harvey (2006, p.73) nos referencia Marx e sua obra “O Capital”, nos fazendo lembrar que o capital não é uma coisa ou conjunto de instituições, é um processo de circulação entre produção e realização. E ainda acrescenta: “Esse processo deve expandir, acumular, reformar constantemente o processo de trabalho e os relacionamentos sociais na produção, assim como mudar constantemente as dimensões e as formas da circulação” (HARVEY, 2006, p. 73).

Harvey (2006, p.49) ainda descreve dois aspectos indispensáveis à circulação: “o movimento físico real de mercadorias do lugar da produção ao lugar do consumo, e o custo real ou implícito ligado ao tempo consumido e às mediações sociais [...]”. Com fins de atender o primeiro aspecto, o capital recorre a inúmeros recursos, dentre estes, redimensiona a seu favor setores como o comércio, peça importante para fazer escoar a mercadoria, articulando hoje atividades que vão além da atuação do mercado formal, para dar mobilidade a esse processo, diminuindo o tempo de permanência da mercadoria na “cadeia circulante” (atacadistas, varejistas e bancos etc.) que Harvey denominou, mais acima, de mediações sociais. A efetivação desse processo circulante está ligada também à eficiência e custos do transporte, estes também influem na acumulação. Por isso, a relevância relatada dos carros de linhas no âmbito da economia local. Articulados no transporte de pessoas e mercadorias, esses carros exercem papel considerável ao processo de circulação como um todo.

As bancas se distribuem na venda de diversos produtos e podem ser enquadradas nas seguintes categorias¹¹: produtos agropecuários; industrializados (confeção, tecidos e calçados); mistos (miudezas em geral) e piratas (CD/DVD), conforme. Gráfico 01.

Gráfico 1 – Pau dos Ferros: distribuição dos vendedores segundo produto comercializado (%)



Fonte: Silva (2011, p. 164).

¹¹ Não foi encontrado como se pressupôs, inicialmente, a venda de produtos artesanais; estes só são vistos como parte das vendas dos quiosques, não das bancas.

Os produtos agropecuários são maioria e assumem a forma de: cereais, grãos, frutas e verduras, leite, produtos derivados do leite, dentre outros, o que delinea a natureza e a dimensão desse comércio e, em particular, a característica da região. O diferencial está na presença do revendedor que traz nova dinâmica à oferta deste produto naquele espaço, hoje, não mais restrito à venda dos pequenos produtores locais. Aliás, essa é uma característica presente na maioria dos vendedores de rua: eles atuam como revendedores das mercadorias, excetuando alguns casos.

Os produtos derivam de diversas localidades, em sua maioria, dos estados da Bahia e do Ceará. Em alguns casos, os chamados fornecedores são donos de pontos comerciais de frutas formalizados, os quais abastecem e repassam parte dos produtos aos vendedores de rua. Há uma articulação diversa que envolve a compra e a venda desses produtos. Alguns chegam, inclusive, a atuar aos sábados como vendedores, estabelecendo concorrência com os demais e em condições mais favoráveis por meio do barateamento do preço, já que a compra do produto se dá em maior escala.

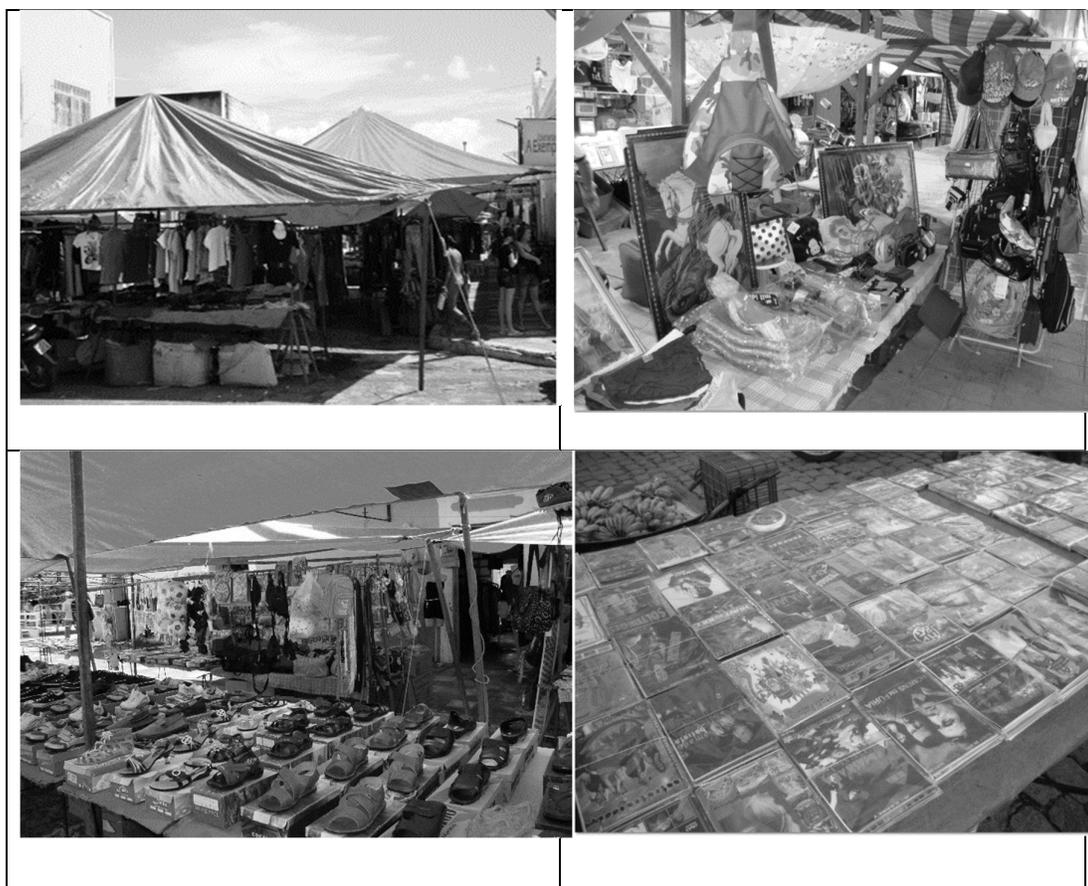
Os produtos industrializados, categorizados aqui na venda específica de tecidos, confecção ou calçados, são comercializados por aproximadamente 30% dos vendedores. Alguns compram diretamente das fábricas, ou mesmo de lojas maiores, especializadas no tipo de produto vendido, com nota fiscal. Outros compram das grandes feiras espalhadas pelas cidades do Nordeste, a exemplo, de Fortaleza/CE; Natal/RN etc. Há, ainda, outros que produzem sua própria mercadoria, especificamente, aqui, nos referimos à produção de peças íntimas. Essa produção, em particular, ganha formas variadas de distribuição: parte destina-se à venda direta ao consumidor no comércio de rua, outra parte é repassada para revendedores.

As bancas, que denominamos mistas, vendem produtos variados: brinquedos, quadros, bolsas, bijuterias – “[...] têm de tudo um pouco”! Não é difícil perceber que a maioria dos produtos comercializados não tem qualquer comprovação fiscal e pode ser facilmente encontrada nas chamadas lojas *de um real*. Em geral, a referência é de serem produtos importados, originalmente fabricados em outros países como: Taiwan, China, entre outros, tais produtos adentram no país, muitas vezes, através de transações pouco confiáveis, ou mesmo, pela via do contrabando.

A compra da mercadoria se dá especificamente de duas maneiras: vendedores adquirem seus produtos em cidades como São Paulo, Recife, entre outras cidades, e nas próprias lojas locais, como nos descreve certo entrevistado: “[...] é, eu compro aqui no Dadá importados, no Sobral, de um rapaz que traz mercadoria lá de São Paulo, Recife”. (8º ENT. SILVA, 2011).

Na figura 04, a estrutura das bancas e alguns produtos comercializados podem ser visualizados.

Figura 4 – Pau dos Ferros/RN: estrutura das bancas e produtos comercializados



Fonte: Silva (2011).

Quanto aos comerciantes de produtos “piratas”, CDs e DVDs não originais, observou-se a presença destes em menor quantidade, não chegando a 5% dos vendedores pesquisados. Provavelmente, a apreensão de muitos produtos piratas, há alguns anos, na cidade, tenha inibido este tipo de venda no comércio de rua. Somam-se a estes fatores, a concorrência dos mochileiros, presença visível da venda de porta em porta.

Quanto à localização, as bancas de produtos agrícolas e de lanches se concentram em frente ao açougue municipal, local onde as pessoas estão concentradas, sobremaneira aos sábados, para fazer feira de frutas e verduras. No corredor, entre as lojas, concentram as bancas de confecção, tecidos, calçados e mistos. Inclusive, aqueles comerciantes proprietários de lojas aproveitam para colocar suas bancas em frente das mesmas e atuar nas duas modalidades de comércio.

Na alocução de uma das entrevistadas, que trabalha há mais de dez anos no comércio de rua, a estrutura do comércio de rua, em Pau dos Ferros, foi vista no tempo dando-nos um sentido de “*redimensionamento de ocupação do espaço e no espaço*”. Ela esclareceu que algumas pessoas realmente abandonaram a atividade, se deslocando para outras ocupações, muitas das quais também informais. Além do mais, há também o que denominamos aqui, de “*ampliação espacial de bancas*”, ou seja, o alargamento de algumas bancas, de produtos específicos, que segundo nossa entrevistada, foi se dando com o tempo, em detrimento do tamanho de outras. Para ela, a feira diminuiu e ao mesmo tempo se modificou.

Assim, descreve:

[...] assim, [a feira] foi diminuída e foi substituída uma parte. [...] você foi hoje ali de frente a minha banca e só tem uma banca pequena e do outro lado não tinha, mas ali naquele canto, naquela banquinha pequena é uma banca grande, porque o rapaz não veio hoje, é o filho daquela mulher que tava com história “*ai, num sei o que, tá faltando dinheiro*” é assim os fitudim. Ali é banca do filho dela, é do comprimento da minha banca¹². E você também notou que na saída não tinha uma banca, é uma banca de confecção porque o rapaz hoje vai pra Pereiro, não coloca nem hoje, nem amanhã só a partir de quarta-feira (ENT.1, SILVA, p.167).

É bem verdade e de fácil percepção que as bancas de confecções, por exemplo, ocupam parte considerável das ruas e possuem estruturas que se destacam das demais, o que sinaliza o *olhar* descritivo da vendedora, constatado

¹² A banca de entrevistada tem 6,5 metros de comprimento e 1,40 metros de largura. Chegou-se a ver bancas de confecção com cerca de 10 metros de comprimento, enquanto outras bancas que vendem outros produtos têm 3 metros, 7 metros em média, etc. Os tamanhos são variados. Há também aqueles que são donos de mais de uma banca (SILVA, 2011).

por meio da observação. Ademais, o próprio funcionário da Prefeitura já havia feito menção à desproporção do tamanho de algumas bancas, se comparadas a outras.

Alguns vendedores deslocam-se, ora se instalando em comércios de rua, ora vendendo de porta em porta, possuindo pontos fixos em diferentes feiras da região, nas quais expõem seus produtos em dias de maior movimentação.

No comércio em Pau dos Ferros, apesar de os produtos agropecuários ainda representarem a maioria das vendas, as bancas de produtos industrializados (confeção e calçados) se destacam em termos de tamanho e de estrutura de vendas. Sutilmente, a dinâmica do comércio tem se modificado em resposta às novas determinações do processo de reprodução do capital, resguardada as particularidades da região. Principalmente, se considerado o fato de que o comércio de rua, de um modo geral, tem sido utilizado essencialmente para facilitar a distribuição de distintos produtos, principalmente, os advindos de fábricas e lojas de departamento.

Ademais, o formato do comércio de rua também se particulariza no tempo por certa mobilidade populacional nos últimos anos; tomamos por base, o número de vendedores distribuídos por faixas de tempo na atividade. Dos vendedores presentes no perímetro de estudo, no dia contabilizado, 30% trabalham no comércio, há menos de 3 (três) anos, apesar de 50,41% dos vendedores estarem naquele local há mais de 10(dez) anos (SILVA, 2011). Essa movimentação recente descrita reflete a realidade de uma atividade caracterizada pela facilidade de ingresso e saída, ou seja, alguns efetivamente podem ter saído da atividade, e outros terem ingressado, logicamente, não numa relação direta e condicionada. A entrada pode estar associada à falta de emprego e/ou complementação de renda. A causa para saída pode ter sido a concorrência de outras bancas maiores, ou o crescimento do próprio comércio formal, como mesmo nos têm relatado os entrevistados.

Outra particularidade enfatizada no âmbito das entrevistas foi a dimensão assumida pela concorrência no comércio de rua, destacando principalmente a relação com as lojas. Vejamos a descrição:

[...] antes era mais, diminuiu mais, porque a competição... A concorrência pode-se dizer não das bancas porque o que tá aumentando mais é as lojas, porque existe muitas, muitos vendedores. [o surgimento das lojas tá prejudicando as bancas?] [...] tá, porque existe lojas que vendem também barato, assim no caso,

produtos que não seja de marca, são mais barato que vende em lojas. Que antes as lojas vendiam coisas, como é que se diz, mais caras e hoje em dia não é mais assim. [...] loja de confecções, de roupas, que tem muitas aqui em Pau dos Ferros. [...] a gente sentimo mais na venda da loja. [...] porque, eu acho que sim, teve gente que deixou, que antes tinha banca e hoje tem só loja. Quem vai abrir uma loja acaba com a banca (ENT.7, SILVA, 2011, p.169).

Foi citada também a realidade de algumas pessoas que tinham banca anos atrás no comércio de rua e, ao conseguirem colocar uma loja, acabaram por optar pela loja, deixando o comércio de rua mediante a extinção da banca, fato de fácil verificação. O sonho com o próprio negócio, seja na forma de “loja” ou “mercadinho”, é algo que foi relatado nas entrevistas. Inclusive, no âmbito das entrevistas foi constatado dois casos de vendedores que têm banca e loja, com a diferença que para uma, a loja veio primeiro, enquanto para a outra, foi a banca. A mãe de um dos entrevistados se adequa a esse último caso. Tinha uma banca, cresceu e hoje tem uma loja, mas mantém a banca, na qual o entrevistado vende diariamente.

As lojas de calçados podem servir, aqui, de exemplo para o caso em que o “formal” age algumas vezes como concorrente do comércio de rua local. A oferta do produto de forma diversificada, as formas de pagamento facilitadas por conta do crédito na loja e até a própria conservação dos produtos, têm atraído principalmente os consumidores residentes na cidade, o que tem feito com que o consumidor do comércio de rua seja o das cidades circunvizinhas, ou mesmo, os da zona rural e, ao comprarem à vista, acabam levando o produto em menor quantidade.

Em termos de estrutura, em Pau dos Ferros, comércio tradicional interiorano, as bancas são construídas em ferro soldado para dar o formato desejado e alcançar a forma retangular de banca. Em alguns casos, as lonas são compartilhadas entre os vendedores, a depender do tamanho destas e dos laços de amizade estabelecidos preliminarmente entre estes. A figura 05 apresenta a estrutura do comércio de rua local. Em algumas ruas, as bancas ficam montadas permanentemente; em outras, são montadas e desmontadas todos os dias, deslocadas e guardadas. Para alguns, montar a banca significa, ainda, despende diariamente mais dinheiro quando pagam outras pessoas para proceder à montagem das bancas, na maioria das vezes. Isso ocorre quando os vendedores são do sexo feminino e/ou apresentam idade mais elevada.

Figura 5 – Pau dos Ferros: montagem e desmontagem das bancas



Fonte: Silva (2011, p.171).

O comércio de rua em Pau dos Ferros ainda hoje, mantém a estrutura rudimentar de “feira”, é indiscutível, mas incorpora produtos novos e ideologias dominantes que não são exclusivas dos grandes centros urbanos. Impressionante é ver que determinados vendedores, mesmo submetidos às condições precárias de trabalho, à locomoção árdua diária ao sair de suas cidades para vender em Pau dos Ferros, enaltecer as vantagens do auto emprego, ao se denominarem patrões de si mesmos.

A importância para o capital e a exploração da atividade de rua e das pessoas envolvidas para fins de reprodução são explicitadas por possibilitar:

[...] a circulação e consumo de mercadorias, contribuindo para a realização dos produtos industrializados, objetivando uma renda para consumo que satisfaça suas necessidades básicas. Desde que suas atividades foram inseridas na divisão social do trabalho capitalista, ele também passa a ser explorado. [...] Atuar na venda de mercadorias mais populares, possibilitando dessa forma a reprodução da classe trabalhadora a custos baixos, deixando-a mais suscetível aos menores salários, sem com isso comprometer o nível mínimo de sobrevivência desses trabalhadores. (ALVES, 2001, p. 135)

A pesquisa revelou que a maioria dos vendedores provém de Pau dos Ferros, mais de 60%. Apesar de esse número ser considerável, há uma diversidade de cidades ali representadas na figura do vendedor de rua, que não podem ser desconsideradas na análise, principalmente, aquelas de outros estados, que fazem

fronteira com o Rio Grande do Norte, de onde partem diversos vendedores. Dentre os 121 vendedores identificados, 21 provém de localidades diferentes, com destaque, para vendedores do Ceará, das cidades de Juazeiro do Norte e de Lavras da Mangabeira; bem como da Paraíba, de cidades como Uiraúna e Souza.

A maioria é do sexo masculino (70,25%); realidade que ainda hoje se mantém, estes se deslocam para Pau dos Ferros, em seus próprios carros, em carros alugados, ou nos chamados carros de linha. O deslocamento de 40% dos vendedores para Pau dos Ferros denota não somente a propalada mobilidade em direção a essa cidade como e, principalmente, a problemática das ocupações na região, nomeadamente nos pequenos municípios, estes que mantêm certo grau de dependência com Pau dos Ferros, diante do limitado desenvolvimento de suas economias. Hoje, com o avanço dos meios de transportes, as populações das cidades pequenas podem comprar em Pau dos Ferros os produtos e atividades de que necessitam, dinamizando a rede urbana do estado.

Quando se cruza os dados de escolaridade e de tempo na atividade pôde se observar que tanto aqueles vendedores que estão no comércio de rua há mais de dez anos, quanto os de menor tempo (entre um e três anos) se concentram, em sua maioria, na faixa de escolaridade de Fundamental Incompleto. Ou seja, do total de vendedores de cada faixa de tempo citada (61 vendedores que está há mais de 10 anos e 38 entre 1 e 3 anos)¹³, cerca de 50% declararam ter começado o Ensino Fundamental, mas não concluído (SILVA, 2011, p.176).

Em se tratando da renda, não foi possível traçar um perfil dos vendedores em geral. É claro o receio de exposição por parte dos mesmos. Naturalmente para o tipo de atividade desenvolvida, que se articula muitas vezes entre o legal e o ilegal, entre o lícito e o ilícito, evidenciar detalhes pode parecer arriscado. As informações foram vagas, imprecisas, fechadas, deixando-nos em dúvida, ou mesmo expressando um discurso comum, por exemplo, “é muito pouco”, ou “só dá pra fazer um salário” (SILVA, 2011, p. 177). A questão da renda, portanto, só pôde ser mais bem explorada nas entrevistas dirigidas, através do depoimento direto dos sujeitos. A não explicitação exata dos rendimentos pode estar associada ao grau de concorrência entre os vendedores, principalmente entre os residentes em Pau dos Ferros e os

¹³ Somadas essas duas faixas de tempo, chegaremos a 81,82% do total dos vendedores identificados (121). O restante se distribui na faixa de 4 a 6 anos (13,22%) e 7 a 9 (4,96%).

que vêm dos arredores. As bancas são muito próximas umas das outras e expor a renda pode gerar alguma especulação por parte dos concorrentes. A descrição de um dos entrevistados ajuda a entender esse contexto:

[...] é de concorrência, eles brigam, eles tiram freguês da banca do outro, eles brigam com o outro, ali ó, ali gente já tirou freguês da minha banca, eu digo, *“mas num tem problema não, o sol nasceu pra todos”*, não é por isso que eu vou ficar com raiva da pessoa, cada qual tem a sua consciência, né? Às vezes eu boto gente pra comprar a pessoas que tem banca no meio da feira e tem loja também, tem isso também lá, tem banca e tem loja, ali é um bocado, viu? Aí muitas vezes eu não tenho a mercadoria, *“olhe, fulano ali tem, em a banquinha ali e tem a loja ali”*, eu não tenho isso não, agora tem uns... (ENT.1 SILVA, 2011, p.177).

Evidente: foi constatada a existência de laços de amizade expressos nas relações estabelecidas por determinados vendedores, e até de cumplicidade, se consideradas as dificuldades diárias comuns a todos, principalmente, dentre aqueles que estão na atividade há mais tempo. A rápida passagem dos vendedores “exteriores” não permite a criação desses laços, de maneira especial, entre aqueles que frequentam a feira apenas aos sábados. No entanto, não se pode desconsiderar esse “ar” de individualidade de alguns, revelado através de formas de conflito no uso do espaço urbano.

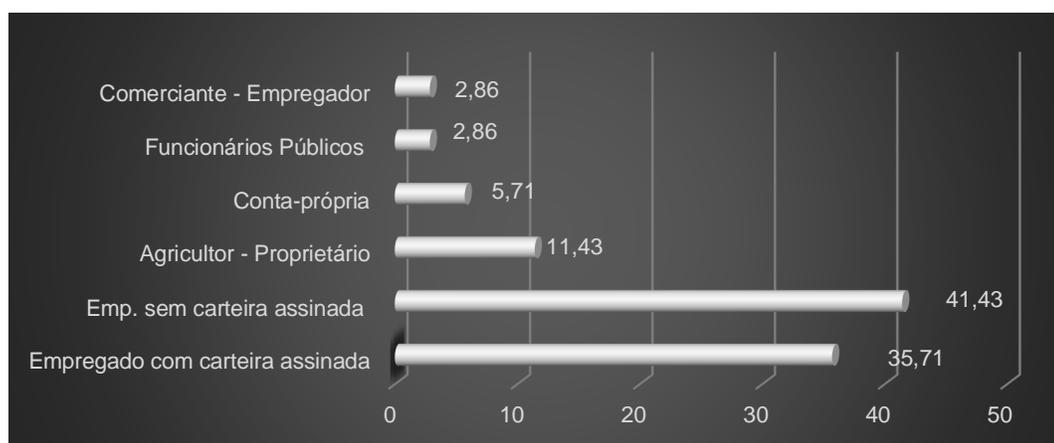
Questionado sobre possíveis conflitos na organização do espaço urbano, conta-nos o funcionário da prefeitura, as inúmeras tentativas de organização do espaço; seu relato expressa bem a lógica concorrencial a que nos referimos anteriormente. Nas palavras deste interlocutor:

[...] já... Eu mesmo pessoalmente fui lá, eu e mais dois fiscais, fomos lá e encontramos rejeição exatamente nessa parte, aquele teimoso que sai do local dele e quer mais espaço, ele quer um espaço maior do que o que ele precisa, entendeu? Maior do que o que ele precisa... tem aqueles comerciantes mais ambiciosos, que querem vender mais, ele quer a banca dele bem destacada assim pra quem vai fazer a compra chegar e já ver aquela banca bem destacada, sabe? Então, há essa parte de ambição por parte de alguns e eu já estive lá mais de uma vez e até já entrei em atrito com alguns porque eles não quiseram obedecer, não quiseram... já dentro desse nosso trabalho de organização, eles quiseram desobedecer. Mas isso aí tá em andamento e o projeto do prefeito é regularizar isso aí (11º ENT FUN. PREF. SILVA, 2011, p.178).

A questão ocupacional em Pau dos Ferros se reflete na realidade brasileira de insuficiência de postos de trabalhos formais, diga-se de baixa qualidade. A maioria dos vendedores¹⁴ que relatou ter exercido alguma atividade anterior ao comércio de rua estavam inseridos em ocupações por conta própria ou era empregado sem carteira assinada.

Os dados expostos no gráfico 02 permitem problematizar a trajetória ocupacional desses vendedores envolta em atividades vulneráveis, marcadas pela instabilidade. Aqueles que trabalharam sem carteira assinada e sem qualquer cobertura pelo sistema previdenciário ainda são mais expressivos. Na condição de desempregados, hoje, esses vendedores estão na rua, muitos sob o discurso da autonomia.

Gráfico 2 – Pau dos Ferros: distribuição dos vendedores na atividade anterior por posição na ocupação (%)



Fonte: Silva (2011, p. 179)

A jornada de trabalho desses vendedores é de difícil mensuração. Na semana e, principalmente aos sábados, as madrugadas são bem movimentadas. Muitas pessoas de Pau dos Ferros e das cidades circunvizinhas se movimentam em direção ao centro para fazerem a chamada *feira semanal*. O ponto principal, logo cedo, é o açougue público, onde as bancas de frutas estrategicamente se localizam. Diante disso, quem vai montar sua banca e/ou quando o produto é do tipo agropecuário ou mesmo lanches, são os primeiros a chegar; estão lá por volta de

¹⁴ Esclarecimento: Mais da metade dos vendedores, 57,85%, haviam exercido alguma atividade anterior.

2h30min e 03h da manhã e ficam, em média, até 11h30min, 12h. Os proprietários das bancas de confecção e calçados, em que algumas das bancas são montadas, acabam por chegar mais tarde, 06h30min, mas se estendem tarde adentro, fecham muitas vezes às 4h da tarde. Quem tem loja e banca, só sai de lá depois das 5h da tarde, depois de um dia que começou às 7h da manhã (SILVA, 2011, p. 190).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade foram desenvolvidos e difundidos meios modernos e diversificados para alcançar o consumo de maneira rápida, redefinindo funcionalidades espaciais que diferem do passado, quando o processo de produção e comercialização era tipicamente tradicional. Assim, a revolução do domínio do consumo foi acompanhada de alterações significativas da estrutura do consumo, acarretando novas formas de produção e de comércio (SANTOS, 2008). Corrobora-se com Santos (2008, p.20) para quem o comportamento do espaço acha-se assim afetado por enormes disparidades de situação, seja geográfica e/ou individual.

As modernizações atuais mundiais implicaram em mudanças significativas para todos os setores da economia; nas cidades dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, o mercado de trabalho se deteriora e uma porcentagem significativa de pessoas não possuem atividades, nem rendas permanentes. Desse modo o comércio de rua se mostra determinante para a geração de emprego para muitos e para interações com outros segmentos da economia, já que grande parte dos vendedores de rua realizam suas compras em atacadistas e produtores, da própria região ou cidade onde operam. A atividade de rua ganha, portanto, funcionalidade para o sistema capitalista na medida em que se configura como um espaço comumente utilizado para escoar parte da produção das indústrias, principalmente daquelas situadas na região Nordeste, sobretudo se considerada a distribuição como importante elemento nesse processo complexo que objetiva, por fim, à valorização do capital. Além de oferecer produtos a baixo custo que atende boa parte da demanda da população que circula no espaço, principalmente os de baixa renda.

O estudo também revelou diferenças de perfis pessoais e ocupacionais dos vendedores de rua, suas distintas respostas aos ciclos do mercado de trabalho, os

distintos níveis de aceitação social e de formas diversificadas de intervenção no espaço.

As expressões da atividade informal, na via pública de Pau dos Ferros, podem ser apreendidas no movimento real da economia brasileira, que por sua vez, se insere na dinâmica capitalista mais ampla. Os trabalhadores inseridos em ocupações informais, de um modo geral, são produtos do desenvolvimento do capitalismo, que gera superpopulação. Tais expressões refletem, acima de tudo, a capacidade e a lógica do capital de se expandir e de se agregar em realidades tão diversas.

As mudanças balizadas pela ótica “flexível”, apenas acirraram o contexto de precarização do trabalho, num país marcado historicamente pelas precárias formas de trabalho. O objetivo foi claro: aumentar a atração do país para os investidores estrangeiros por meio de alterações na legislação trabalhista, apresentando um mercado de trabalho menos rígido. É perfeitamente claro que: desregulamentação, flexibilização, terceirização são expressões de uma lógica societária, cujas violações proferidas pelo capital, com sua forte mobilidade pelo globo, têm relegado a força humana de trabalho, a peça imprescindível à reprodução deste no capitalismo contemporâneo. Na verdade, o empregador não necessita de empregos e, sim, do trabalho, por isso, se dizer que muitos lares são, hoje, extensão da fábrica.

Não há dúvidas de que estamos, atualmente, numa dinâmica de um modelo diferenciado do neoliberalismo, denominado “social-desenvolvimentismo”. E, apesar de a economia brasileira ter conseguido reverter um pouco do quadro destrutivo para o mundo do trabalho que caracterizou a última década do século XX, por meio da ampliação das ocupações formais e redução da taxa de desemprego, em 2014 estimada em torno de 6,5% (IBGE, 2015).

Este cenário mais recente (2014) balizado por mudanças nas políticas econômicas, tem repercutido em oscilações no mercado de trabalho que anunciam preocupação e que contribuirá para a desestruturar o mercado de trabalho brasileiro: em termos regionais, para ilustrar, se observado o 4º trimestre de 2014, houve expansão da taxa de desocupação nas regiões Nordeste (de 7,9% para 8,3%), Sudeste (de 6,2% para 6,6%) e Centro Oeste (de 4,9% para 5,3%) na comparação com o mesmo trimestre de 2013, enquanto nas regiões Norte e Sul, o cenário foi de estabilidade do indicador (IBGE, 2015). Sabe-se que essa problemática é bem maior

em países como o nosso, no qual o mercado de trabalho é caracterizado por baixos salários, elevada rotatividade de mão de obra, desemprego, desigualdade e informalidade, esta última que marcara o desemprego dia a dia. As ocupações informais, as passíveis de serem contabilizadas, por exemplo, ainda são responsáveis por mais da metade da PEA.

Torna-se imprescindível, portanto, retomar o debate do desenvolvimento do capitalismo em solo brasileiro, a partir da lógica que permeia sua dependência e, principalmente, a superexploração do trabalho como alavanca da acumulação interna.

Nesse sentido, entendemos a dinâmica do comércio de rua sofrendo determinações que tem conferido alterações na teia de relações que se configuram no espaço particular. Diante disso, torna-se notório o fato que a investigação do comércio de rua das várias cidades desse Brasil, deve ter em vista sua heterogeneidade, o seu grau e como ela se manifesta na cidade.

Há necessidade imediata de estimular mais pesquisas sobre este importante segmento informal urbano. Demonstrada a importância do comércio de rua, explicitada sua natureza contraditória, heterogênea, cabe investigar que política ou conjunto de políticas públicas seria mais adequado para lidar com essa diversidade, que possa incorporar as demandas dos comerciantes de rua no ambiente econômico e social complexo das cidades.

REFERENCIAS

ANDRADE, Manoel C. **Geografia econômica do Nordeste**: o espaço e a economia nordestina. São Paulo: Atlas, 1987.

ALVES, M. A. “**Setor informal**” ou **trabalha informal**? Uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade. Campinas, SP, 2001.

CANO, Wilson. Urbanização: sua crise e revisão de seu planejamento. **Revista de Economia Política**. v. 9, n 1, São Paulo, p. 62-82, jan/mar. 1989.

COSTA, Maria Clélia Lustosa; AMORA, Zenilde Baima. Transformações nas cidades médias do Ceará (Brasil). In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA – ENGAL, 12., 2009. **Anais....** 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area05/5788_Costa_Maria_Clelia_Lustosa.doc>. Acesso em: 21 out. 2010.

CARVALHO, Alba Maria Pinho; GUERRA, Eliana Costa. Tempos contemporâneos: trabalhadores supérfluos no fio da navalha da lógica do capital. In: SOUZA, A. de A; ARRAIS NETO, E. de A; FELIZARDO, J. M.; CARDOSO, M.J.P.; BEZERRA, T.S.A.M (Org.). **Trabalho, capital mundial e formação dos trabalhadores**. Edições: UFC, 2008.

DANTAS, Joseney R. Q. **As cidades médias no desenvolvimento regional: um estudo sobre Pau dos Ferros (RN)**. Natal, 2014, 260p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

DURÃES, B. O trabalho de rua no Brasil: o perfil da informalidade de rua em Salvador. In: ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e Miséria de Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

FELIPE, José Lacerda. **Elementos de Geografia do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora Universitária, 1988.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Região de Influência das Cidades - 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/>. Acesso em: 08 jul. 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desocupação: Sala de Imprensa. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2825>. Acesso em: 20 jun. 2015.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Caracterização e tendências da rede urbana no Brasil** - Desenvolvimento Regional e estruturação da rede urbana. Brasília: IPEA, IBGE, UNICAMP, 2002. (V. 3).

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAUJO, Marcos Antonio Alves de. **Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN)**. Caminhos de Geografia, Uberlândia, fev. 2006. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

SILVA, F.S.B. **A informalidade na via pública**: riscos e viabilidade econômica – estudo de caso em Pau dos Ferros. Pau dos Ferros: UERN. 2003. Monografia (Trabalho de conclusão de curso – Economia), 2003.

SILVA, Franciclécia de Sousa Barreto. **As faces e os disfarces da informalidade no capitalismo contemporâneo**: um estudo do comércio de rua em Pau dos Ferros/RN. 2011. 237 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social, Formação Profissional, Trabalho e Proteção Social; Serviço Social, Cultura e Relações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.